

[ensaio de imagem]

## Pulika

Paulo Couto Teixeira ("Pulika") reside em Brasília, tem 60 anos e nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Desenha desde menino, e começou a expor em 1960, no salão municipal de sua cidade. Mas graduou-se em Economia, especializando-se em Planejamento. Fez carreira técnica no Setor Público, exercendo funções técnicas e de direção no IPEA (17 anos) e outros órgãos federais. Aprendeu a arte da gravura em 1979, em curso de extensão na Universidade de Brasília, ministrado por Stella Maris Bertinazzo, professora, pesquisadora e coordenadora do Ateliê de Xilogravura da UnB, do qual passou a fazer parte desde então. Aposentou-se em 1994, abriu ateliê e dedicou-se à gravura. Fez cinco exposições individuais ou em dupla, em Brasília, Juiz de Fora e Petrópolis, e participou de inúmeros salões e mostras coletivas, destacando-se em Brasília (late Clube, Espaço Cultural 508 Sul, Sala Atos Bulcão), Juiz de Fora, Rio de Janeiro (Espaço Grandjean de Montigny), São Paulo (MAC/USP), Campos de Jordão (Casa da Xilogravura), Porto Alegre, Belo Horizonte, Florianópolis, Goiânia (salão regional, prêmios de aquisição) e ST Louis, USA ("Brazil 2000"). Além de gravador, Pulika é desenhista, pintor ilustrador. É também ex librista.

### A GRAVURA: MINHA CASA, MINHA SINA

Um dado importante para entender meu trabalho é que ele deriva do desenho. Tudo começa na alegria de desenhar. Mas vejo-me antes de tudo um gravador - encontrei-me na gravura e aí sentei praça. A gravura é, pois, minha maior expressão de alegria, de amor à vida, a tudo que é humano: a justiça, o prazer, a compaixão, a beleza, o profético, o espiritual, a partilha. Expresso o erótico na mesma simplicidade com que busco a contemplação, a natureza, o grito profético, a desolação. Assim, fazer gravura passa a ser para mim uma procura monástica, uma busca da inteireza, do "ser um" - arquétipo universal, um caminho para o absoluto. Pauto-a pelo coração, independentemente do que ocorre fora.

Sigo o que vem de dentro, mas contraponho com a vida. Não sei onde vou chegar, e também não me importo em chegar em algum lugar. Sou um artesão, ralador, não conheço a genialidade. Sinto dores de parto - sofrimento e vida - para produzir um trabalho. O preto-e-branco é poesia - pois a realidade é colorida - é também dramático, é monumental, mas descobri a cor na gravura e ela se derrama às vezes com exuberância, às vezes com modesta simplicidade. Depende de impulso que vem do coração. Nesta oportunidade estou apresentando algumas de minhas paisagens. A exuberância da Itaparica em seu colorido tropical, e a mística educativa do caminho compostelano, no qual se reaprende a vida reduzindo-a

ao mais essencial - daí, apenas duas cores. Sempre achei difícil explicar meu trabalho, pois considero que a arte é eloqüente em si mesma, independe de memoriais descritivos. Basta o olhar, gostar ou não gostar. Mas eis aí meu trabalho, feito com carinho e humildade, como uma dádiva agradecida com a qual se retribui um dom.

Paulo Couto Teixeira,  
maio de 2004

## Relatos e textos

"(...) E eis sua obra, contigenciada e contemplada desses valores de denúncia: e há pobres e santos, miseráveis e excluídos, anjos e demônios, prisioneiros, prostitutas, deserdados gerais e os sem-fala, como que a ferir-nos, a aclarar-nos das terríveis adversidades por que sofrem esses seres da desolação. E ele encontra na gravidade da xilogravura o veículo exato, pelo talhe seco que vai fundo e não mente, e impiedoso desdobra-se na crueza dos negros e no lirismo dos brancos. Assim é, enquanto gesto e tribuna, a expressão cortante - por que não dizer, poético - do seu cantar."

**Carlos Bracher, 1996**

"A obra xilográfica de Pulika é uma demonstração de lirismo - sejam os cortes e texturas, que emolduram os temas eróticos-românticos, sejam as cenas religiosas ou mesmo aquelas que parecem clamar por justiça social".

Em todas as suas gravuras, é possível ver uma ternura, como se houvesse uma grande compreensão dos fatos, dos sonhos e das fraquezas humanas.

Por outro lado, a busca pelo melhor e pelo aperfeiçoamento é evidente - e isto pode ser comprovado, principalmente, nas gravuras coloridas. É claro o cuidado com que os matizes são manipulados, desdobrando-se em múltiplas tonalidades, compondo um procedimento raro de se encontrar em gravuras.

Aí está, pois, a obra de Pulika, para ser apreciada e sentida."

**Ligia Sabóia de Freitas**

artista plástica, pesquisadora e professora da UnB  
Brasília, 1966

Pulika grava generosamente: ternura e idealismo.

Restaura o aprendizado minucioso e sua humildade, já aprendiz e artista.

Branco e preto, mas não mórbido.

Dramático, mas não pessimista.

Seu misticismo é claro como as coisas boas.

Pulika revive o ideal da revolução pela arte.

**Stella Maris de Figueiredo**

Brasília, 9 de dezembro de 1981

### **Lição de Gravura**

Tem madeira  
E tem madeiro,  
Consolação e cópula  
Na gravura de Pulika.  
Palavra e canto chão,  
Minas e a possibilidade De ser geral,  
Amanhã e antanho  
De ser plano-piloto  
Ou um megabyte dourado  
rosa  
preto  
branco  
azul  
azul  
...

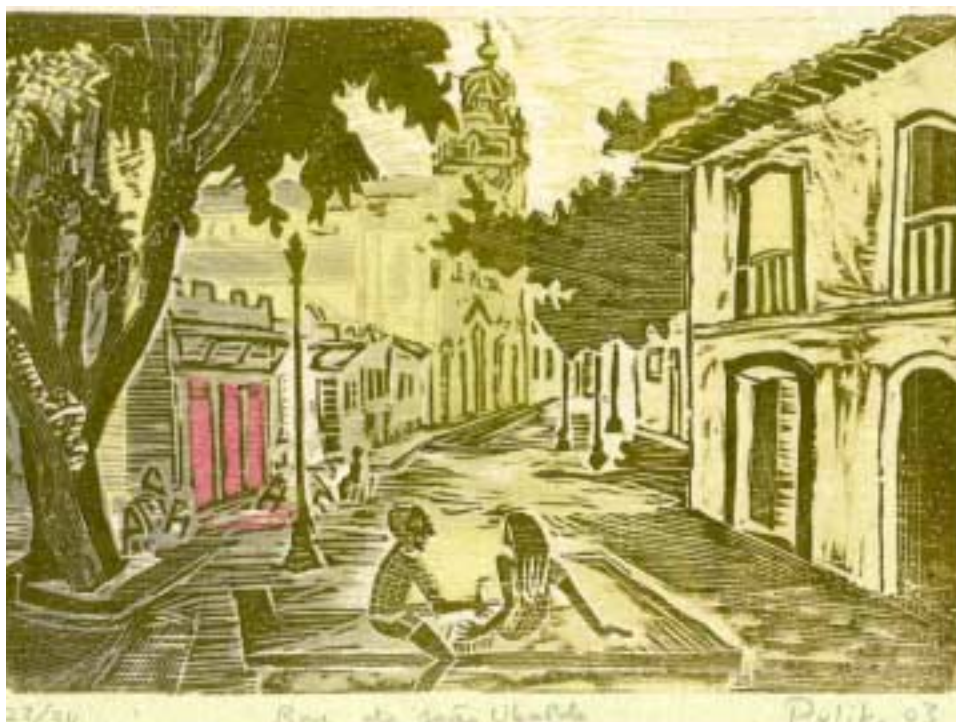
**Stella Maris F. Bertinazzo**

Brasília, janeiro de 1997



Série Itaparica  
Madeira de fio.  
*As amendoeiras do boulevard*  
21,5 X 15,0 cm

As gravuras coloridas, segundo o autor  
foram elaboradas pelo processo de Picasso



Série Itaparica  
Madeira de fio.  
*Bar do João Ubaldo*  
22,0 X 15,5 cm

As gravuras coloridas, segundo o autor  
foram elaboradas pelo processo de Picasso



Série Itaparica  
Madeira de fio.  
*Forte de São Lourenço*  
21,0 X 15,8 cm

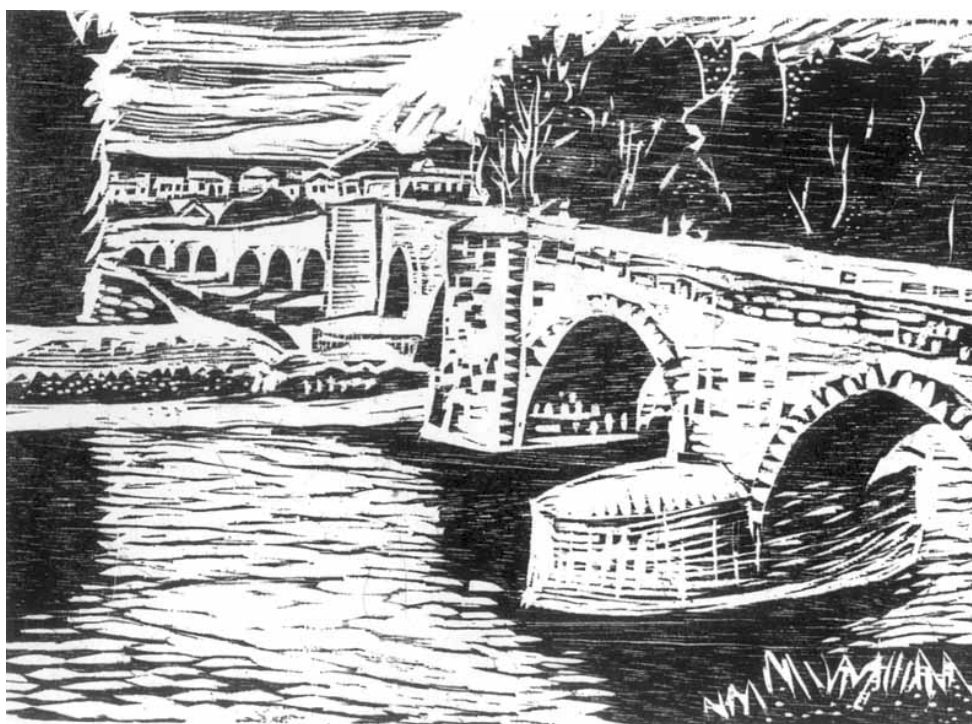
As gravuras coloridas, segundo o autor  
foram elaboradas pelo processo de Picasso



Série Itaparica  
Madeira de fio.  
*Boteco do seu Latif*  
20,2 X 15,2 cm

As gravuras coloridas, segundo o autor  
foram elaboradas pelo processo de Picasso





Série Caminho de Santiago  
Madeira de fio.  
*Paso de honor*  
19.0 X 13,7 cm



Série Caminho de Santiago  
Madeira de fio.  
Navarra  
19,1 X 14,0 cm